

Crises do passado foram lição para empresas latinas

POR CRAIG TORRES

E JOEL MILLMAN

Repórteres do THE WALL STREET JOURNAL

Qualquer empresa latino-americana que estivesse em busca de novos mercados teria de considerar o Brasil nos últimos quatro anos. As companhias de eletricidade chilenas compraram usinas, as fábricas de produtos têxteis argentinas abriram elegantes lojas em São Paulo e uma engarrafadora mexicana de Coca-Cola esforçou-se para aumentar sua capacidade produtiva para satisfazer os sedentos brasileiros.

O Brasil era o destino. Hoje é um desastre. Mas ninguém está disposto a escrever o obituário da maior economia da América Latina ainda.

“É um mercado enorme”, diz Patricio Gouguenheim, que administra várias empresas de confecções para o fundo de aquisições argentino Exxel Group. A desvalorização “vai nos desacelerar”, diz, “mas vamos continuar a investir” no Brasil. As vendas das lojas franqueadas

Poló Ralph Lauren do Exxel no Brasil subiram quase 3% no ano passado, apesar da crise, conta ele. A firma pretende lançar no país, ainda este ano, uma nova marca de confecções sofisticadas para mulheres.

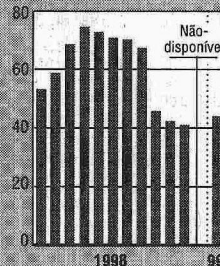
De fato, para executivos latino-americanos que resistiram aos programas de estabilização no Chile, Argentina ou México, o Brasil parece uma reprise.

Executivos da empresa argentina de tecnologia Itron até qualificam sua experiência com a hiperinflação e o desastre econômico de “uma vantagem comparativa” quando se trata de trabalhar no Brasil. “A gente entende o mecanismo mental deles”, disse o presidente da Itron, Luis Cudmani, numa entrevista recente. “Os americanos não passaram pelo que a gente passou.” Um porta-voz da Itron diz que é difícil prever o que acontecerá a seu negócio de ajudar Estados a informatizar o recolhimento de impostos e as cobranças no médio prazo. Mas a empresa ainda acredita

O preço da desvalorização

Reservas menores

Reservas do Brasil em moeda forte*, em US\$ bilhões

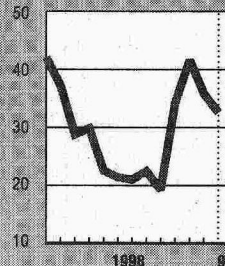


* Medido pelo conceito internacional de liquidez

Obs: reservas de janeiro estimadas pelo mercado com base em dados do Banco Central

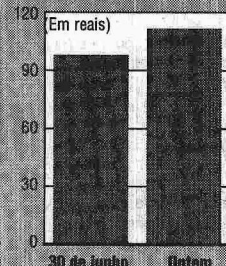
Crédito mais caro

Taxa de juros do overnight, em %



Dívida maior

Empréstimos a empresas, bancos e governos brasileiros em 30 de junho de 1998



taxa de câmbio

Fontes: Banco de Compensações Internacionais, Banco Central

que tem soluções de que o Brasil precisa urgentemente.

As empresas chilenas de energia também são empresas da região que queriam aplicar o conhecimento técnico e administrativo no Brasil. A Enersis SA e sua subsidiária Chilectra controlam a distribuidora brasileira Cerj. Os analistas não estão animados com as perspectivas de crescimento no curto prazo para o consumo de energia brasileiro. Mas eles ainda acham que os ativos brasileiros são importantes para a diversificação e o crescimento futuro. “Esses vão se provar bons investimentos” no longo

prazo, diz Andrew Campbell, da Société Générale Securities Corp.

Desde 1995, a mais importante engarrafadora da Coca-Cola na região, a mexicana Panamco SA, começou a adquirir empresas regionais no Brasil num ritmo acelerado. Agora seus resultados devem ser prejudicados pelo Brasil, que responde por um terço das receitas. “Nunca vimos o Brasil como um mercado fácil”, diz Christian Philco, diretor de relações com o mercado da empresa. “Passamos por várias crises no Brasil e no México e vamos superar esta. Como em qualquer crise, será doloroso.”